

Gládis Massini-Cagliari

gladis@horizon.com.br

Luís Carlos Cagliari

lccagliari@horizon.com.br

Categorização gráfica e funcional na aquisição da escrita e da leitura em língua materna¹

RESUMO – Este artigo discute três aspectos fundamentais na decifração do nosso sistema de escrita que precisam ser devidamente compreendidos por professores e alunos para que o processo de alfabetização se realize adequadamente: o *princípio acrofônico*, a *categorização gráfica* e a *categorização funcional* das letras. A categorização funcional controla tanto o princípio acrofônico como a categorização gráfica, consistindo em associar corretamente as letras aos sons, escolhendo, dentro das possibilidades de combinação, a palavra correta. Como a forma correta das palavras é dada pela ortografia, não por algum tipo de transcrição fonética, pode-se dizer que a categorização funcional submete-se à regulamentação ortográfica, sendo definida a partir dela.

Palavras-chave: categorização gráfica, categorização funcional, ortografia, princípio acrofônico, alfabetização.

ABSTRACT – This article aims to study three important factors in the decipherment of our writing system, that must be completely understood by the agents of literacy process (students and teachers), in order to make the process happen adequately: acrophonic principle; graphic categorization and functional categorization. The functional categorization controls either the acrophonic principle and the graphic categorization, being the correct association of letters and sounds, choosing only one among several possibilities. Since the correct word representation is given by spelling (orthography) and not by any kind of phonetic transcription, it is possible to say that the functional categorization is defined and governed by the official orthographic rules.

Key words: graphic categorization, functional categorization, spelling, acrophonic principle, literacy.

Introdução

O segredo da alfabetização é a leitura, no sentido de o aprendiz saber decifrar o que está escrito, num primeiro momento, para, depois, ter acesso pleno ao texto, como leitor e como usuário do sistema de escrita (Cagliari, 1992). Neste sentido, saber decifrar, que é a porta de entrada ao sistema de escrita, à leitura e à produção de textos, exige muitos conhecimentos técnicos sobre o sistema, além dos conhecimentos sobre a língua - menos problemáticos em situação escolar, neste momento, quando o aprendiz é falante nativo. Como já mostramos em Massini-Cagliari (1999a), é óbvio que uma leitura bem-sucedida não se reduz à decodificação, ou seja, à tradução automática das letras em sons; mas a *decifração* bem-sucedida da escrita também não se re-

duz a isso: ela começa na identificação dos sons representados, o que leva à palavra representada, e somente se completa com a identificação do significado dessa palavra. Neste sentido, mais do que um mero pré-requisito à leitura, a decifração propriamente dita já é uma primeira *leitura*.

Há três aspectos fundamentais na decifração do nosso sistema de escrita que precisam ser devidamente compreendidos por professores e alunos para que o processo de alfabetização se realize adequadamente. Esses aspectos são: o *princípio acrofônico*, a *categorização gráfica* e a *categorização funcional* das letras. Dado o caráter alfabético-ortográfico de nosso sistema de escrita, a ortografia tem um papel essencial na compreensão dos três aspectos mencionados.

Esses três aspectos, governados pela ortografia, são os fatores decisivos que permitem ao aprendiz

¹ O presente trabalho foi apresentado anteriormente no formato de comunicação plenária no Encontro - Lingüística e Ensino de Português: Língua Materna e Língua Não-Materna, realizado em Braga, Portugal, na Universidade do Minho, Campus de Gualtar, em 30 de setembro e 01 de outubro de 2002.

decifrar e descobrir corretamente o que está escrito e escrever o que deseja. É à breve apresentação de cada um deles que vamos nos dedicar neste artigo.

O princípio acrofônico

A história do alfabeto é contada tradicionalmente através do princípio acrofônico, a partir do qual o nome das letras traz, em seu início, o som mais característico que a letra representa no sistema de escrita (Cagliari, 1998, p. 124). O princípio acrofônico é, na verdade, um conjunto de regras que usamos para decifrar os valores sonoros das letras. Num primeiro momento, atribuímos a cada letra o som que é dado pelo seu nome. Depois, somamos os sons para descobrir que palavra está escrita. Nesse

momento, são feitos os arranjos necessários a respeito dos valores sonoros das letras em função da história das palavras, da ortografia e do dialeto que o leitor conhece.

Ao longo da história dos sistemas de escrita, através do princípio acrofônico, foi possível criar uma lista de palavras, em que, para cada uma, o som inicial representava o som básico de uma letra do alfabeto utilizado. As palavras da lista tornaram-se os nomes das letras: *alef* (“boi”) = oclusiva glotal (depois, som de /a/), etc. (figura 1).² Através desses nomes, era possível colocar as letras da escrita de uma palavra, observando a sequência de sons e as letras correspondentes. Os romanos trocaram os nomes gregos das letras pelos sons. Então, *alfa* tornou-se apenas *a*, *sigma* tornou-se *esse*, etc.³

Hieróglifos egípcios	Significado dos hieróglifos e do nome das letras semíticas	Letras semíticas (fenício)	Nome das letras semíticas (hebraico)	Grego antigo	Nome das letras gregas	Forma atual das letras gregas	Romano	Forma mistúcula
3000 a.C.		1500 a.C.		850 a.C. 500 a.C.			650 a.C. 114 d.C.	Idade Média
	boi		alef	 Α	alfa	A α	Α Α	a
	casa		beth	 Β	beta	B β	Β Β	b
	bumerangue		gimel	 Γ	gama	Γ γ	Γ C	c

Figura 1. Evolução da forma gráfica das três primeiras letras do alfabeto.

O mesmo sistema ficou como método para avaliar quais letras devem ser usadas em caso de avaliação da escrita alfabética ou em casos de dúvidas. Ainda hoje dizemos: *boi* começa com *b*, *texto* se escreve com *x* de *xarope*. Um outro procedimento que se serve do princípio acrofônico para a identificação das letras acontece quando se dizem palavras conhecidas para significar que a primeira letra delas representa a letra que deve ser usada. Isso é mais usado para a escrita de nomes próprios, uma vez que eles não têm ortografia definida. Assim, para tentar explicitar como se escreve *Varig*, alguém poderia dizer: *vaca – arte – Roma – índio – garrafa*.

No processo de alfabetização, a utilização dos nomes dos alunos para construir um princípio acrofônico é uma estratégia muito usada pelos professores. As crianças começam aprendendo a copiar o pró-

prio nome e, vendo a escrita dos nomes dos colegas, conseguem escrever palavras sob a orientação do professor. Assim, para escrever *dia*, a professora diz que se escreve com as letras do *Daniel*, da *Irene* e da *Alice*.

Como se vê, o princípio acrofônico criou o alfabeto e até hoje continua sendo uma das idéias mais importantes desse sistema de escrita.

A categorização gráfica

Uma vez encontradas as letras para a palavra que se quer representar, a representação gráfica de cada letra irá depender muito de quem escreve. Ao longo da história, as letras do alfabeto sofreram muitas modificações na sua forma gráfica, de tal modo que, hoje, nos deparamos com muitas maneiras de escrevê-las.⁴ Os computadores apresentam

² A figura 1 é uma adaptação das primeiras linhas do quadro “Origem das letras do alfabeto” do encarte do livro de Cagliari (2000).

³ A este respeito, vejam-se os trabalhos de Cagliari (2000, capítulo 3, e 1999a).

⁴ A respeito da categorização das letras na história do alfabeto, veja-se Cagliari (1999b).

essas diferenças sob o rótulo de *fontes*. Acontece com a escrita algo semelhante ao que acontece com a fala: falamos um dialeto, mas somos ouvintes de muitos, numa mesma língua. Do mesmo modo, usamos um modo de traçar as letras que escrevemos, mas somos leitores de muitas formas gráficas das letras. O paralelo com relação à variação lingüística torna-se válido, principalmente se pensarmos que, assim como na fala adequamos o nível de formalismo à situação de enunciação, na escrita escolhemos o estilo de letra adequado à situação, ao suporte, etc. (letras cursivas manuscritas em cheques e em cartas pessoais, letras de forma maiúsculas, de preferência impressas, em cartazes que devem ser vistos de longe, etc.).

Em princípio, a tarefa de reconhecimento das letras registradas por outrem deveria ser fácil, sobretudo levando em conta a prática de escrita e de leitura. Mas, interessantemente, esta não é uma tarefa tão simples assim. Não raramente, precisamos verificar bem qual letra está escrita. Às vezes, precisamos mesmo começar adivinhando, para somente depois ter certeza. Essa tarefa tornou-se extremamente complicada e difícil, ao longo da história dos sistemas de escrita, com o uso das escritas cursivas, concatenadas e com idiosincrasias de todos os tipos. A questão do reconhecimento do símbolo escrito pode passar, inclusive, por questões culturais, de estilos gráficos mais ou menos em moda em determinada região geográfica. Desta forma, para um brasileiro, a escrita de dois *rr* de um inglês pode

parecer apenas um *n* (Figura 2). Assim, *Burrows Rd* pode parecer *Bunows Rd*.

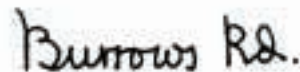


Figura 2. Escrita da expressão *Bunows Rd.*, em que *rr* pode parecer *n*.

Um número 7 de um brasileiro pode parecer um número 4 para um inglês. A Figura 3 mostra um cartão em que aparece anotado um número de telefone celular. O prefixo do número anotado, **07769**, foi interpretado como **04469**; além disso, o leitor em questão não conseguiu identificar como tal a forma gráfica do algarismo **4**, no número do telefone (**714167**).

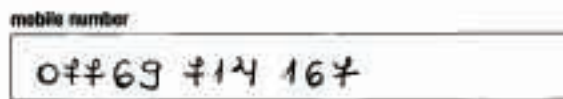


Figura 3. Escrita em que o número 7 foi entendido como 4.

Certamente, um português (ou brasileiro) de hoje, sem treinamento específico, teria grandes dificuldades em ler a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, não por causa das palavras, mas de como identificar as letras escritas (Figura 4).

Enfim, identificar as letras que aparecem escritas em palavras nem sempre é uma tarefa fácil e pode, eventualmente, causar confusões, erros e mal-entendidos.

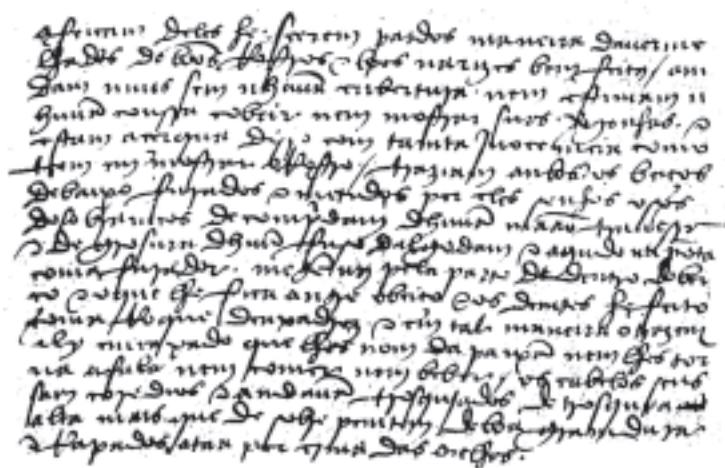


Figura 4. Carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500?) (Cunha *et al.*, 1999, p. 34-35).

afeiçam deles he seerem pardos maneira dauerne
lhados de bõos Rostros e boos narizes bem feitos / am
dam nuus sem nhu)u)a cubetura . nem estiman n
hu)u)a coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas . e
estam açerqua disso com tamta jnocência como
teem em mostrar oRostro. / traziam anbos os beijos
debaixo furado e metidos por eles senhos osos
doso braucos de compridam dhu)u)a mão traussa
e de grosura dhu)u) fuso dalgodam e agudo na põta
como furador . mete) nos pela parte de dentro do beí
ço eoque lhe fica entre obeiço eos demtes he feito
coma Roque denxadrez . e em tal maneira o trazem
aly emcaxados que lhes nom da paixã nem lhes tor
ua afala nem comer nem beber / os cabelos seus
sam coredios e andauã trosqujados de trosquya al
alta mais que de sobre pemtem deboa gramdura
e Rapados ataa per cjma das orelhas.

Apesar da imensa variação que as letras podem ter graficamente, continuamos dizendo que o alfabeto, a que essas representações gráficas pertencem, tem um conjunto bem determinado de letras: *a, b, c, d, e, f*, etc. Isso mostra que *letra* é uma noção abstrata e não um determinado rabisco.⁵ Embora essa seja uma idéia clara, na prática escolar, nem sempre é levada em conta da maneira de como deveria. Alguns alunos se surpreendem com as explicações do professor, porque o que eles entendem não bate com o que o professor espera que eles entendam. Assim, o professor escreve com letra cursiva caprichada, uma palavra como *pato*. Diz que *pato* começa com *p*. Mas, o aluno, analisando o que vê escrito, pode achar que *p* se escreve juntando as letras *j + s*.

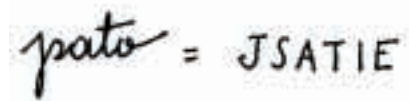


Figura 5. Como a escrita da palavra “pato” pode ser entendida.

Muitas vezes, o professor alfabetizador, ao trabalhar com apenas um alfabeto (em especial, o de letras cursivas minúsculas), pode nem se dar conta dos problemas que enfrenta o aprendiz, até que alguma situação especial evidencie esses problemas. É o que acontece na figura 6, abaixo, em que o problema de categorização gráfica só se manifesta para a professora no momento do exercício de separação de sílabas: OBA é interpretado como OL + VA.



Figura 6. Interpretação da palavra “oba”.

Um problema de categorização funcional (ver próximo item deste texto) derivado de uma questão de categorização gráfica pode ser muito claramente observado a partir da Figura 7. Nesse exemplo, ao copiar da lousa a palavra “desenho” escrita pela professora em letras cursivas, ou seja, ao *interpretar* a letra da professora, o aprendiz concluiu que a palavra “desenho” deve ser escrita com as seguintes letras: DEREMLR. A partir daí, pode-se visualizar com facilidade os problemas que surgirão para o estabele-

cimento das relações entre letras e sons, partindo da premissa, como o que faz este aluno, de que o som de “z” pode ser representado pela letra R e de que o som de “nh” pode ser representado com MLR...⁶

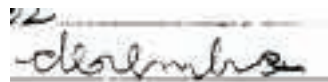


Figura 7. Escrita da palavra “desenho” por um aluno, a partir de sua interpretação da letra da professora.

Porque a letra é uma noção abstrata (Cagliari, 1998; Massini-Cagliari, 1999a), é necessário um apoio externo para definir o que pertence a uma letra e, até mesmo, o que pertence ou não à escrita, excluindo outras formas gráficas. A simples identificação de sons e de letras correspondentes pode não ser suficiente para escrever e ler na sociedade em que predomina a variação lingüística. Para dar conta desse fato, a ortografia congelou a forma de escrita das palavras, também agindo em um nível abstrato de representação. Por causa disso, o alfabeto deixou de lado, em parte, a referência aos sons, e teve de se submeter à ortografia. Ao neutralizar a variação lingüística da fala na escrita, a ortografia estabelece uma ordem rigorosa para a sucessão de letras nas palavras. Como os falantes usam pronúncias variantes, a relação entre letras e sons só pode ser entendida através da ortografia. Assim, uma letra A terá tantos sons diferentes quantas forem as pronúncias atribuídas a ela em todas as palavras da língua, em todas as pronúncias possíveis.

Como a ortografia neutraliza a variação da fala, a escrita ortográfica preocupa-se apenas com as seqüências de letras, deixando aos leitores e usuários da escrita a interpretação no nível sonoro do que lêem ou escrevem. Diante de uma escrita que apresenta dificuldades de interpretação por causa da dificuldade em reconhecer quais letras estão escritas, começamos um trabalho de adivinhação que tem a palavra em seu contexto como alvo. Aos poucos vamos tentando correlacionar a dificuldade com letras que possam compor uma palavra que faça sentido. Esse procedimento mostra que a ortografia governa a categorização gráfica das letras. Em outras palavras, um rabisco vale uma letra e não outra coisa quando é usado na cadeia da escrita para representar a letra que a ortografia coloca naquela posição. Com essa ferramenta, é possí-

⁵ Sobre a definição de “letra”, veja-se Massini-Cagliari (1999a).

⁶ Exemplo retirado de Massini-Cagliari (1999b, p. 53).

vel ler escritas cursivas que, de outra forma, seria impossível. Se o leitor não souber a língua ou não chegar à descoberta de qual palavra está escrita, a decifração não se realiza e o leitor não fica sabendo ao certo o que está escrito.

A categorização funcional das letras

A categorização gráfica controla a maneira como lemos no sistema alfabético de base ortográfica. Já a categorização funcional controla a maneira como devemos proceder para escrever. Por exemplo, quando se diz, em uma palavra, um som [s], dependendo do contexto em que ocorrer, podemos representá-lo de diversas maneiras, como se mostra a seguir:

[s]	S	sapato
X texto	Z	paz
	Ç	calça
	C	cebola

Desta forma, a responsabilidade por definir qual letra deve ser escrita recai sobre a ortografia e não sobre o princípio acrofônico. E, a partir da ortografia fixada para todas as palavras da língua, chega-se à categorização funcional de todas as letras do alfabeto utilizado. Neste sentido, a categorização funcional tem a ver com o **valor** que cada uma das letras tem dentro do sistema de escrita (Cagliari, 1998; Massini-Cagliari, 1999a). Em outras palavras, o que determina que uma letra possa ser chamada de A não é apenas o seu aspecto gráfico, mas o fato de ela poder assumir, dentro do sistema de escrita do português, as posições reservadas para a entidade abstrata cujo valor é “A”.

O papel da ortografia no sistema de escrita

Como foi visto anteriormente, a categorização funcional controla tanto o princípio acrofônico como a categorização gráfica, consistindo em associar corretamente as letras aos sons, escolhendo, dentro das possibilidades de combinação, a palavra correta. Como a forma correta das palavras é dada pela ortografia, não por algum tipo de transcrição fonética, pode-se dizer que a categorização funcional submete-se à regulamentação ortográfica, sendo definida a partir dela. Portan-

to, a representação da exata pronúncia das palavras serve apenas a interesses fonéticos da descrição lingüística e, somente indiretamente, à escrita. Se a escrita se ativesse à pronúncia que as pessoas usam para dizer as palavras, encontrar-se-ia diante de uma enorme variação e incapaz de satisfazer a todos os falantes de todas as variedades. Com a ortografia, a variação dialetal da pronúncia das palavras da língua fica neutralizada em favor de uma representação mais abstrata e geral, que, mesmo usando as letras do alfabeto, constitui-se em uma forma de escrita cuja função principal é permitir a leitura. Diante de uma escrita ortográfica, qualquer falante da língua pode identificar qual palavra está representada e compreendê-la e dizê-la como se partisse de sua iniciativa como usuário da língua.

Desta forma, a tarefa da decifração da escrita é decodificar através do princípio acrofônico, das categorizações gráfica e funcional, tendo como fator orientador a ortografia, para descobrir de que palavra se trata. A partir daí, todo o processamento lingüístico passa a ser comandado pelos mecanismos de produção da linguagem de que o usuário se serve como falante nativo. É assim que funciona o mecanismo de produção da leitura. Obviamente, a compreensão da linguagem escrita, similarmente à da falada, depende de outros fatores. Não se deve confundir essas exigências de compreensão de um enunciado com a ação de decifração da escrita que permite a leitura, à qual chega apenas à identificação de palavras.

Conclusão

Uma compreensão de como o processo de decifração funciona mostra que é a ortografia - e não o princípio alfabético - que comanda as categorizações gráfica e funcional da nossa escrita. O princípio alfabético ou acrofônico tem um papel importante, mas sozinho não dá conta de como funciona a escrita de uso geral na sociedade. A normatização ortográfica determina o valor de escrita das formas gráficas, associando-as às letras, aos sons e às palavras da língua.

A compreensão da natureza da ortografia é de importância fundamental para o ensino da língua, sobretudo no processo de alfabetização. A idéia de que a escrita é puramente alfabética leva alguns alunos a terem grandes dificuldades com as categorizações gráfica e funcional e, conseqüentemente, com o progresso na alfabetização. Na verdade, alguns alunos que

não aprendem, apesar de todo o esforço do professor (e da família, dos fonoaudiólogos, etc.), o fazem porque chegam a um grande impasse na aprendizagem pela má compreensão de como funcionam as categorizações gráfica e funcional da escrita e de qual é exatamente o papel da ortografia no sistema de escrita. Explicações individuais nesse sentido, quase sempre, resolvem os impasses desses alunos e os fazem progredir como os demais, que aprendem a ler e a escrever, sem grandes problemas. A consciência dessa situação e o conhecimento dos fatos apresentados acima devem fazer parte do trabalho diário de todo alfabetizador.

Referências

- CAGLIARI, L.C. 1992. O segredo da alfabetização. *Jornal da Alfabetizadora*, ano IV(20):9-11.
- CAGLIARI, L.C. 1998. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo, Scipione.
- CAGLIARI, L.C. 1999a. Breve História das Letras e dos Números. In: G. MASSINI-CAGLIARI e L.C. CAGLIARI. *Diante das Letras. A Escrita na Alfabetização*. Campinas, Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, FAPESP, p. 163-185.
- CAGLIARI, L.C. 1999b. A categorização gráfica na história do alfabeto. In: G. MASSINI-CAGLIARI e L.C. CAGLIARI. *Diante das Letras. A Escrita na Alfabetização*. Campinas, Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, FAPESP, p. 41-48.
- CAGLIARI, L.C. 2000. *Alfabetização e Linguística*. 10 ed., São Paulo, Scipione.
- CUNHA, A.G.; CAMBRAIA, C.N. e MEGALE, H. 1999. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo, Humanitas.
- MASSINI-CAGLIARI, G. 1999a. Decifração da escrita: um pré-requisito ou uma primeira leitura? In: G. MASSINI-CAGLIARI e L.C. CAGLIARI. *Diante das Letras. A Escrita na Alfabetização*. Campinas, Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, FAPESP, p. 113-119.
- MASSINI-CAGLIARI, G. 1999b. O que é uma letra? Reflexões a respeito de aspectos gráficos e funcionais. In: G. MASSINI-CAGLIARI e L.C. CAGLIARI. *Diante das Letras. A Escrita na Alfabetização*. Campinas, Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, FAPESP, p. 33-39.

Recebido em mar/2004
Aceito em maio/2004

Gládis Massini-Cagliari

UNESP

Luís Carlos Cagliari

UNICAMP